

A
HORA DOS
TRANSEUNTES

*UM TRIBUTO A
JOSÉ J. VEIGA*

WILSON ALVES DE PAIVA

A
HORA DOS
TRANSEUNTES
*UM TRIBUTO A
JOSÉ J. VEIGA*

MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Paiva, Wilson Alves de

A hora dos transeuntes : um tributo a José J. Veiga / Wilson Alves de Paiva. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2023.

ISBN 978-85-7591-722-0

1. Crônicas brasileiras 2. Veiga, José Jacinto, 1915-1999 I. Título.

23-161968

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira B869.8

capa: Studio Rotta Design Gráfico

imagem da capa: Wilson Paiva, “Transeuntes”, 2023, formato 50 X 60 cm

gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide

preparação dos originais: Mercado de Letras

revisão final do autor

bibliotecária: Tábata Alves da Silva – CRB-8/9253

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

Prefácio

MISTÉRIOS DE UM RELÓGIO
E O ESTRANHO CONDOMÍNIO 7

Luiz de Aquino

A CHEGADA DE BELISÁRIO 13

A CASA ATRÁS DO MORRO 31

ESTRANHAS MÁQUINAS 47

HOMENS BARBUDOS 61

OBJETOS TURBULENTOS 79

O CONDOMÍNIO DE VAZABARROS 99

BURBURINHO DIA E NOITE 115

OS PECADOS DO POVO 135

FESTAS E FOLIA 153

ANIMAIS IMPERTINENTES 175

A HORA DOS TRANSEUNTES 193

Prefácio
MISTÉRIOS DE UM RELÓGIO
E O ESTRANHO CONDOMÍNIO

Escrever é um ato que, nos dicionários, ganha uma definição simples... simplória quando o conceito é:

verbo: 1. *transitivo direto* - representar por meio de caracteres ou escrita. 2. *transitivo direto, transitivo indireto e intransitivo* - expressar-se por meio de escrita: “escreve um português corretíssimo”.

Conceitos imediatos para quem procura um dicionário pela primeira vez, mas pobres e insuficientes quando aplicados a quem se dedica a... escrever! Seja um redator oficial, um jornalista, um encarregado de comunicação em empresa – pessoas profissionais no ofício das mensagens que exigem a redação – ou um escritor de vida acadêmica, voltado para artigos científicos e textos afins. E, por fim, ao escritor de ficção e aos poetas – ou seja, os literatos.

A estes, artífices das palavras e das imagens que se tornam relatos, ou de textos que se transformam em cenários nas mentes de quem os lê, o conceito de escrita envolve um

caminho que começa “lá atrás” no tempo – como está em voga referir-se ao passado – nos primórdios da infância, caso haja, na vida do pequeno estudante, pais estimuladores, professores sensíveis e um talento que se desperta.

De tudo o que se escreve, sabe bem o autor, há sempre um alicerce sólido, feito de sonhos, estudos e imaginação. O ato simples de “representar por meio de caracteres ou escrita” decorre desse passado de buscas, de ansiedades, de dúvidas. São coisas que conduzem às pesquisas, ao registro de conhecimentos e de um complexo processo de criação imaginária, que viaja desde cenários e sítios criados até uma gama de personagens, um prisma de cristal que sugere cores e tons e um enredo intrigantes (para o autor) capaz de conduzir o leitor a descobertas não menos intrigantes.

De Miguel de Cervantes a Luiz de Aquino e de Camões a Wilson Alves de Paiva, o ato de escrever decorre dessa juntada de fatores. Quando o autor abria um caderno, punha uma folha na máquina de escrever ou, hoje, abre a tela do computador, já estava (está) tomado de muitas certezas. Esse começar sugere isso, mas ao caminhar do texto, as letras de fôrma a surgir no papel (na tela) provocam um efeito estranho, meio mágico, que é, em muitos casos, uma inversão de funções. O autor que, parece, domina a ideia e cria o texto passa a ser dominado pelo progredir de sua própria história.

Isso acontece quando se faz poesia; e, na mesma intensidade, quando se faz prosa. E foi assim com José J. Veiga – o nosso Zé Veiga, como era chamado na região dos Pireneus, em Goiás. Esse é o nome civil, José Veiga, como está nos documentos que atestam sua existência (de 1915 a 1999). O “jota-ponto” acrescido para formar seu nome literário foi sugerido por João Guimarães Rosa, amigo pessoal de José.

Convenhamos, o autor de *Sagarana* estava certo: José Veiga seria um nome artístico um tanto... chinfrim. Guimarães Rosa gostava por demais de línguas e palavras, mas gostava também de numerologia. Ao sugerir um nome literário a José Veiga, ele pegou outros sobrenomes na família; teria experimentado o Jacinto, sobrenome do avô materno de José, mas não encontrou uma boa solução (contou-me o próprio José); então, aplicou o J isolado no meio daquele nome simples. Assim, batizou-se o autor de *Os Cavalinhos de Platiplanto*, e cunhando-se, indelevelmente, José J. Veiga.

O novel autor gostou dos argumentos *numerológicos*; tanto que adotou tal critério nos títulos de seus livros, quase todos de quatro palavras; a exceção ficou para *Objetos Turbulentos*. Vale o lembrar: *A Estranha Máquina Extraviada*, na primeira edição, era *A Máquina Extraviada*; nas seguintes, José J. Veiga inseriu “estranha”, pois entendeu que com apenas três palavras o título não trouxera sorte. Talvez também por conta da numerologia, ele não gostava que se referissem a ele como Jota Jota (J. J. Veiga). Tímido, mas muito educado, não censurava as pessoas, que lhe abreviavam o nome, mas confidenciava aos mais próximos sua insatisfação ante isso.

Ler as obras de José J. Veiga implica algo de muito especial: a escrita atrai e prende o leitor e, findo um livro, fica a expectativa do próximo. Seus textos deixam no ar mistérios que os leitores tentam decifrar e, assim, tornarem-se parceiros do criador. Muitos foram os estudiosos – pessoas de letras, críticos e professores – que buscaram destrinchar aquela linguagem envolvente e rica, com referências geográficas imaginárias (Vasabarro, Manarairama, Platiplanto, Torvelinho...).

Wilson Alves de Paiva foi além. Esgotou a leitura do contista corumbaense em livros e, imagino eu, recorreu também a jornais e revistas, tão vasta era a contribuição de Veiga aos veículos de comunicação impressa. A obra de José J. Veiga

inspirou o mestre Wilson: este *A Hora dos Transeuntes* traz em seu sumário, caprichosamente, capítulos com títulos alusivos (parodiados, pode se dizer) aos livros de contos e romances do autor, que atravessou cerca de 20 línguas estrangeiras e mais de 40 países, em edições locais. No Brasil, caiu no gosto das escolas de Ensinos Fundamental e Médio, além de leitores atentos e exigentes, em livros e crônicas em jornais e revistas. Na esfera acadêmica, incontáveis foram as dissertações e teses, em titulações de Mestrado e Doutorado sobre os casos “absurdos” da escrita veigueana, segundo o professor José Fernandes (considerado pelo escritor como o crítico que melhor compreendeu sua essência literária).

Em *Veiga*, intriga o leitor o clima de mistério que desperta o desejo de desvendar – e fica por conta do leitor, sim, a conclusão quanto a tais dúvidas; em *Paiva*, nestes textos que também nos prendem até o final, somamos mistérios que, súbito, trazem clarezas.

Wilson Alves de Paiva expõe aqui, um a um, personagens bem definidos, humanos, capazes de dureza uns, de malemolência, outros, e demonstra que todos são importantes e indispensáveis na trama. Aqui existem transeuntes em lugar de ruminantes; um professor ecologista envolvido com um relógio; um morro e uma casa misteriosa; uma máquina a inspirar suspenses, com alguns barbudos em grupo a sugerir segredos.

Vazabarro (em alusão a *Vasabarro*, o reino criado por *Veiga*), segundo Wilson Alves de Paiva, é um condomínio horizontal, incrustado numa área de preservação, violando o espaço de proteção ambiental. Há problemas com alguns objetos e os burburinhos que tomam conta dos dias e das noites. O povo se revela capaz de incontáveis pecados, mas as festas e folias acontecem, apesar de tudo, e há o papel decisivo de animais impertinentes – até que os transeuntes provocam uma

derrocada que, ao término, revela tudo o que aconteceu e que – sabe-se lá! – se poderia ter evitado.

O prazer está na leitura desta obra de boa prosa, com lampejos poéticos em momentos especiais. Ao longo da trama, o mistério de um relógio que, pela ingenuidade do sobrinho Belisário, desaparece e causa tristeza no tio do moleque levado.

Gostei e recomendo! Acredito que José J. Veiga gostaria de ler este livro. Afinal, está aqui, em páginas e muito texto, uma homenagem póstuma ao autor goiano que mais espaços conquistou no mundo, em terras e línguas.

E mais não digo: seria uma traição ao autor a revelação, de minha parte, atropelando os prazeres que o leitor encontrará no percurso da trama.

Luiz de Aquino

Membro da Academia Goiana de Letras
e da União Brasileira de Escritores de Goiás.